

O SUJEITO QUEER NA AUTOFICÇÃO DE PAI, PAI

Fernanda Rezende Pache de SOUZA (PIBIC – Letras Port.Espanhol, UEMS/Dourados)

Dr. Paulo Henrique PRESSOTTO (Docente do curso de Letras Port./Espanhol – UEMS/Dourados)

Eixo temático: Literaturas indígena e LGBTQI+

Resumo: A proposta deste artigo é apresentar alguns aspectos teóricos, como autoficção e teoria queer; além disso, abordar a representação do sujeito, da homossexualidade, do pai e do filho, da infância e do seminário, no livro *Pai, pai* (2017), de João Silvério Trevisan (1944), relacionando-os. Os objetivos são: apresentar conceitos da autoficção que dá forma ao romance; apontar conceitos da Teoria queer; revelar a tensão entre pai e filho presente na narrativa em dois momentos (infância e juventude no seminário). A metodologia se apresenta da seguinte forma: pressupostos teóricos sobre autoficção e memória (LEUJENE, 2014; PERRONE-MOISÉS, 2017); Teoria queer (MISKOLCI, 2012) e interpretação de passagens, indo da infância ao seminário (TREVISAN, 2017). Os resultados alcançados estão relacionados à relação de João com seu pai José e à sua constituição como um sujeito queer em diferentes fases da vida.

Palavras-chave: *Pai, pai*. Trevisan. Autoficção. Sujeito.

Introdução

Este artigo tem como propósito analisar o romance *Pai, pai* (2017), de João Silvério Trevisan, sob a ótica da autoficção e da Teoria queer. O autor escreveu vários outros livros e, dentre eles, podemos elencar *Em nome do desejo* (1983); *Vagas notícias de Melinha Marchiotti* (1984); *O livro do avesso* (1992); *Ana em Veneza* (1994); *Rei do cheiro* (2009). Cada romance apresenta forma e tema diferenciados. Trevisan também foi seminarista, durante um período de sua vida, e tornou-se um destacado militante da causa LGBTQI+. Nasceu em Ribeirão Bonito, pequena cidade do interior de São Paulo, em 1944.

Sendo *Pai, pai* um romance autoficcional, o leitor encontrará passagens da vida do escritor que vão desde a infância, quando este vivia com os pais, passando pelo seminário, quando era jovem, até a vida adulta atualmente.

Neste romance, podemos apontar o despudor por parte do autor/narrador em narrar sua história familiar, detalhando fatos não somente de sua vida, mas também da vida de seu pai, principalmente, envolvendo a mãe, os irmãos, os tios e as tias, além dos primos, amigos e conhecidos.

Durante toda a narrativa, sentimos o prazer da leitura pela destreza do autor em contar sua realidade de maneira que nos toca e, obviamente, nos aproximando do personagem: o menino que tinha um pai alcoólatra e que sofria muito com este fato. A descoberta de sua sexualidade é relatada, assim como os momentos de preconceito e alguns episódios na padaria que a noite virava bar do pai com alguns clientes; também as dificuldades financeiras, o conflito familiar e o relacionamento de cumplicidade e amor com a mãe.

Dividido em pequenos capítulos, que formam o elo e o sentido das histórias, o romance é vencido pelo leitor que sempre é surpreendido por um novo episódio da vida do autor. Estudar um romance que toca na questão da diferença, no caso do sujeito homossexual, é relevante nos dias de hoje em que o ódio às minorias está aumentando no país e também em países da América Latina. Vale ressaltar que cada romance escrito, por João Silvério Trevisan, apresenta inovação formal, não podendo ser diferente em *Pai, pai*.

O livro conta a história de um jovem nascido em Ribeirão Bonito, cidade que fica a pouco mais de 260 quilômetros da capital São Paulo, que viveu uma relação frágil e cheia de conflitos com o pai, como já foi dito, e, em sua infância e juventude, passou por diversas situações de mudanças, adaptações, confrontos familiares e pessoais para tentar desvendar as incompatibilidades e as indagações que se mantiveram por anos presentes em sua vida.

Na fase adulta enfrentou os traumas de uma depressão, possivelmente ocasionada por essa trajetória marcada pela ausência do afeto paterno. Logo no início do livro se observa a questão da homossexualidade e a não aceitação do pai em relação a essa condição. O período no seminário e sua busca intensa de perdão permeiam do começo ao fim de *Pai, pai* que se desenvolve cheio de questões.

Ler *Pai, pai* é adentrar na realidade de um jovem com muitos conflitos e questões de pertencimento ainda muito mal resolvidas e evidentes. Neste sentido, à ótica da teoria queer, abordaremos os aspectos sociais que estão implícitos no texto

e que de certo modo trata da realidade de uma sociedade motivada pelo preconceito.

O objetivo geral deste trabalho é discutir como se dá a constituição do sujeito no romance autoficcional de João Silvério Trevisan e mostrar sua relação com o pai. Justifica-se por relacionar o sujeito com algumas passagens do livro, focando conceitos da autoficção e da teoria queer.

No primeiro momento do artigo, buscamos conceitos sobre autoficção (PERRONE-MOISÉS, 2016; LEJEUNE, 2014), teoria queer (LOURO, 2008; MISKOLCI, 2012) e a memória (BERND, 2018). No segundo momento, foram destacadas passagens em que o sujeito mantém suas relações, buscando analisá-las sob a perspectiva da autoficção, da memória e do sujeito queer, apontando aspectos de uma realidade social.

Autoficção

A autoficção, segundo Perrone-Moisés, apresenta os aspectos que se ajustam à prioridade do autor na obra, em relação ao tipo do gênero textual, à postura do narrador e ao conteúdo narrado. Destacando, assim, o objetivo da obra e do escritor. O texto, para a crítica, se molda conforme as escolhas do autor-narrador em relação ao romance e à pessoa. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 135).

Dessa forma, a *autoficção* acaba se tornando um termo muito complexo de definir nesta narrativa, de Trevisan, porque, ao mesmo tempo em que existem elementos reais da vida do narrador, existe a necessidade da livre autoria pelo prisma da literatura, como o modo criativo a compartilhar determinados fatos e a memória que está, definitivamente, inerente ao autor e os aspectos da vida pessoal do próprio.

Há histórias que são reais e que, de repente, serão contadas, anos depois de terem acontecido e, justamente esse tempo, de certa maneira, modifica, inconscientemente, os fatos. O aspecto temporal do texto, no entanto, é determinante na construção das ideias partilhadas pelo autor, é ele que faz com que o leitor tenha a dimensão dos acontecimentos e a lógica que isso abarcará até o

final da narrativa. Apesar de o livro não seguir exatamente uma ordem cronológica, o leitor consegue entender as passagens do tempo de maneira geral.

A autoficção se distancia do diário, das cartas, das confissões ou, até mesmo, da autobiografia, mas não desata definitivamente o nó que as “aperta” constantemente. Existe muito de todos em cada um e, por isso, Perrone-Moisés (2016, p. 206) afirma que “a autoficção não é um gênero novo, apenas a variante moderna de um gênero antigo”, ao fazer referência às obras: *Os ensaios* (1580), de Montaigne; *As confissões* (1765), de Rousseau. e *Confissões de um comedor de ópio* (1821), de Thomas de Quincey. Em cada uma delas, o autor-narrador se mostra na narrativa de maneira aberta e transparente e se identifica para o leitor.

Por sua vez, Philippe Lejeune, em *O pacto autobiográfico*, afirma que:

O pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro. As formas do pacto autobiográfico são muito diversas, mas todas elas manifestam a intenção de honrar sua assinatura. (LEJEUNE, 2014, p. 30).

Tal ideia vai à contramão dos textos autoficcionais, incluindo *Pai, pai*, pois não especifica e não confessa ao leitor esse pacto, não manifesta essa afirmação condizente à autobiografia, que se diferencia em muitos pontos da autoficção, mas se assemelha em muitos outros.

Figueiredo afirma que “um romance autobiográfico pós-moderno, com formatos inovadores; são narrativas descentradas, fragmentadas com sujeitos instáveis que dizem ‘eu’ sem que se saiba exatamente a qual instância enunciativa ele corresponde.” (FIGUEIREDO apud BERND, 2018, p. 64). É nessa instabilidade enunciativa de gênero textual que se averigua as possibilidades de comparação entre a autobiografia e autoficção no livro e, quanto mais analisamos a obra, mais nos deparamos com a forma e o conteúdo que nos aproxima da criatividade artística e literária do autor, acercando ainda mais de um romance autoficcional. O próprio autor nos atesta com um trecho, especialmente “crítico”, que nos faz refletir a subjetividade do tema que aqui nos deparamos:

Compreendi que escrever me era vital porque a literatura recria o real justamente para revelá-lo através da dimensão poética e ficcional. Esse era meu papel: trabalhar num parâmetro em que não existe um real absoluto, porque nós vemos e interpretamos a realidade com

olhos, de diferentes ângulos, em diferentes apreensões da subjetividade. Daí, toda arte trabalha com um pé na mentira e na falsificação. A elaboração ficcional, no entanto, pode chegar mais perto do real do que supomos, porque o imaginário arrebenta as amarras da hegemonia de uma pretensa objetividade. O que torna a arte tão reveladora é sua função de instigar, empurrando para a percepção de um lado oculto do real, como o outro lado da lua. Essa percepção a aproxima do êxtase e da epifania. (TREVISAN, 2017, p. 116).

Esse trecho claramente demonstra a subjetividade da autoficção no texto, comprovada, além de tudo, pelos vários momentos de reflexão que o próprio autor-narrador estabelece com o leitor em não afirmar sua exatidão dos fatos, de não confirmar a realidade com ensaios reflexivos sobre tudo o que lhe aconteceu. O autor, que em nenhum momento deixa claro e nem afirma esse pacto com seu leitor, religa os pontos e costura sua história em nosso imaginário.

Teoria Queer

Conforme avançamos na leitura do livro e nos textos teóricos, nos orientamos em relação aos temas estabelecidos e percebemos a necessidade apresentada pelo sujeito *queer* de denominar e se qualificar estável em suas relações sociais, como também na parte emocional que se encontra estigmatizada e calcada na relação de desprezo atribuída e categoricamente recebida ao longo dos anos de convivência com seu pai e com todos os outros “demônios”, muitas vezes, apontados no livro.

Reconstruir requer a coragem de refazer esses “pedaços” que foram, ao longo dos anos, cuidadosamente sendo quebrados e outros até aniquilados pelo medo e pelo trauma de uma vida repleta de violência e desprezo; pelo caráter de classificação recebida, imposto de forma arbitrária, configurando-se fiel à moral e aos bons costumes, direcionando-nos ao longo de nossas vidas; deixando-nos vulneráveis e predispostos a achar que nossas atitudes e nossa postura, o modo como nos comportamos e nos colocamos e nos identificamos na sociedade, estarão sempre equivocadas e até erradas em relação às normas. De certo modo, isso fomenta o preconceito e a discriminação entre os gêneros, criando um sentimento inadequado de classificação entre pessoas normais e pessoas não normais. A teoria queer é capaz de ajustar uma adequada classificação, se é que podemos dizer

assim, para esta gama social que de algum modo além de “anormais” se tornam também ignóbeis da sociedade. Para Guacira Lopes Louro

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2008, p. 7).

Esse sujeito que se torna uma figura apontada na sociedade com uma marca negativa, e isso não diz respeito apenas à sua homossexualidade, mas também, a localização e o espaço que este ocupa no meio social em que vive. Entendemos um pouco mais sobre o queer quando Miskolci diz que “as pessoas tomam o queer como sinônimo de questões de homossexualidade enquanto a proposta queer pode ser vista como mais complexa e ampla do que isso.” (MISKOLCI, 2012, p. 13). Nesse sentido, a necessidade que o sujeito queer de *Pai, pai* tem de se encontrar gradativamente dentro de uma lógica de aceitação vai sucumbindo na masmorra da busca pelo equilíbrio de suas relações, encontrando-se submerso ao solitário campo de aprendizagem de sua trajetória, dissolvendo-se em meio ao complexo modo como o classificam.

Nas passagens do livro, em que João estabelece contato direta ou indiretamente com José, fica nítido o desencontro de afeto entre os dois, a falta de cuidado e a falta de respeito. A falta do amor os ajudaram na construção dessa barreira: “Só depois dos meus cinquenta anos decidi exorcizar de vez esse estilo de vida que constituiu meu berço e me assombrou por décadas [...] tateava o grande perdão.” (TREVISAN, 2017, p. 53).

Opressão: o sujeito e suas relações

Neste item, buscamos focar ou destacar a relação do sujeito com a família, a sociedade e as instituições. Essas relações que vão sendo colocadas no livro, por meio dos fatos narrados, vão abrindo caminhos para a construção de uma imagem,

por parte do leitor, em relação a esse sujeito. É nesse momento que cada qual, através da leitura e de seu conhecimento de mundo, constitui as marcas de cada personagem. Aquilo que me marca e que, de certo modo, torna-se importante, é colocado em evidência para criar o personagem que já existe.

João Silvério Trevisan faz uma definição prática, mas em muitos momentos severa, porém necessária do pai. Por meio dessa escala de definições que conseguimos adentrar na história de maneira mais real e intensa. Em muitos trechos do livro, observamos o modo como o narrador se posiciona em relação ao pai, deixando clara a influência que este significou na constituição do filho como pessoa, como sujeito. O autor-narrador esteve totalmente marcado por uma ausência a qual se fez presente em sua vida. Este fato nos leva a entender que todos os elementos, desde a concepção até o momento final do encontro de perdão, são substanciais para o encontro do sujeito com ele mesmo. Segue o trecho:

[...] para além da fase do seminário, o processo alquímico de esculpir dentro de mim a figura perdida do pai se desdobrou para vários outros homens (educadores ou não) que exerceram a função paterna no processo da minha formação [...] nessa viagem juvenil, de idas e vindas para definir os caminhos do meu ser, ocorreu um quase milagre: o fantasma de José Trevisan começava a encontrar um lugar de enfrentamento no meu coração. E me trazia algum equilíbrio suficiente para prosseguir meu processo de amadurecimento. Mesmo que meus passos comportassem atropelos e inquietações magnificadas por medos, dúvidas e autoestima periclitante, eu me iniciava no projeto de criar meu próprio pai. (TREVISAN, 2017, p. 138).

São essas impressões que tomamos por certa a influência crucial daqueles que nos cercam no momento inicial de nossa formação, nossas relações abrem portas para ocasionar o caos ou desmantelar os traumas e as feridas adquiridas em cada laço distinto de transformação de um indivíduo político e social.

Sujeito e Infância

Neste período da vida é o momento que João conhece a violência do pai (psicológica e física). Nenhuma medida pode ser tão exata a ponto de determinar

qual das duas dói mais. Porém, João se reveste de uma proteção circunstancial da mãe e, aos poucos, vai se constituindo fortemente, mas frágil ao mesmo tempo, e cheio de marcas que o tempo vai deixando. Se depois de adulto, ele obteve a certeza de seu lugar no mundo, enquanto criança isso parecia algo distante e inalcançável.

Se alguém que possui de você o elo mais forte que uma relação pode oferecer e, indiscutivelmente, te recruta ao exílio do desprezo, o que esperar daqueles que não te devem nenhuma razão de amor verdadeiro. Nesse sentido, mesmo em processo de assimilação das novidades que o mundo do desamor oferece, o alcance de misericórdia chega e as migalhas de suas lástimas são aos poucos recolhidas no caminho mais longo e árduo que o processo da evolução pode prover. João, então, aos poucos recolheu suas migalhas e as transforma em perdão. Uma criança não é capaz de decifrar os motivos que levam adultos a agirem como agem, mas elas sentem. João sentiu na pele, absorveu toda raiva. E com o expurgo de seu progenitor, como um rebento obediente, aguentou enquanto pôde, mas, na primeira oportunidade que teve, fugiu. Sem data e razão para voltar:

Penso que aí descobri – e resgatei e assumi – a agressividade até então inaceitável, que eu associava ao meu pai. Abandonei, talvez pela primeira vez, a exclusividade das qualidades maternas do recato e da mansidão, introjetadas como vocação natural (e, no limite, camisa de força psicológica), para abraçar aquilo que parecia parte do pantanoso lixão paterno. Ao mesmo tempo, minha personalidade marcou uma importante ruptura na (des)ordem imposta pelo pai. Compreendi que havia uma agressividade legítima para minha sobrevivência psíquica, muito diversa dos episódios violentos da infância [...] ‘A violência é a herança maior que meu pai me deixou’. Iniciei aí o processo de fazer as pazes comigo mesmo – e que nunca iria terminar, é claro. (TREVISAN, 2017, p. 112).

No trecho que lemos anteriormente, percebemos o quanto João se via associado ao pai, e por mais que ele tentasse mudar esse castigo, certos laços não podiam simplesmente ser cortados. Mas a sobrecarga de ter um pai assim o fortalecia ainda mais: “Eu desenvolvera musculatura emocional suficiente para desprezar quem tinha me maltratado e abandonado. José Trevisan tornou-se um peso na minha história.” (TREVISAN, 2017, p. 113). Ao longo da vida aprendemos a

dominar o que sentimos e se enquanto criança o protagonista queria a todo custo se ver livre daquilo que custava dentro de si sua paz, depois de adulto reconheceu sua capacidade de reconhecer apenas as características que lhe eram convenientes, talvez um autêntico Trevisan.

Sujeito e seminário

Com o apoio da mãe e contra a vontade do pai, João chegou ao seminário um pouco antes dos dez anos de idade, o pai achava que igreja era coisa de mulher e só fortificaria a impressão de ter um filho homossexual. Sair de casa representava obter liberdade e paz, além do mais, qualquer lugar poderia ser melhor do que a presença de seu pai. É o que afirma o trecho a seguir: “De qualquer modo, o motivo não confesso da minha entrada no seminário implicava uma fuga do ambiente irrespirável daquela casa, onde meu pai ocupava, na minha mente, o posto de bruxo” (TREVISAN, 2017, p. 68). Viver no seminário todos aqueles anos ensinou a João que a vida pode estabelecer um novo contexto de opressão como disse o próprio autor:

Querendo escapar do ambiente massacrante da minha casa, deparei-me com um cotidiano controlado por regras severas. A vida de interno me parecia tão hostil que, de melhor aluno da classe no grupo escolar, tirei nota cinco no final do primeiro ano do ciclo ginásial, beirando a expulsão por falta de condições intelectuais para a carreira sacerdotal. Naquele seminário, estávamos longe de uma reclusão desordenada. Ao contrário, um dos problemas advinha do excesso de ordem e controle. (TREVISAN, 2017, p. 70).

A religião pode ser um desses lugares. E certamente foi. Ser um homossexual na sociedade dos anos 50 era muito mais complexo que nos dias atuais. Foi no seminário que o personagem teve uma trégua do pai e descobriu outras novas maneiras de manter sua mente ocupada com conflitos da vida, sua atração por homens era uma delas. E o fato de estar dentro de um ambiente religioso somava ainda mais essa culpa que ele carregava. Em muitos casos, a religião tem esse poder, aumentar a culpa, criar culpa em situações desnecessárias.

Em seus muitos anos no seminário, João começou a se desenvolver também como escritor, passou a escrever diários, poesias, peças teatrais e convencidamente por um tempo decidiu que o cinema era a sua paixão, mas foi a literatura que se estabeleceu forte e deu frutos reconhecidos como os mais de dez livros que publicou e os inúmeros contos que escreveu, muitos deles, inclusive falando sobre o pai, o seminário e sua homossexualidade.

Considerações Finais

Fazendo uma leitura mais exata do livro, é possível observar, em diversas passagens, a constante e diversificada referência que João faz a José quando se trata da significância da figura paterna em sua trajetória. O destaque à violência pode ser pontuado em alguns episódios que nos colocam cada vez mais próximo do personagem e, sutilmente, nos remete à sua personalidade. Fica quase impossível ler o livro e não associar cada palavra que é escrita ao longo do romance a essa relação violenta de pai para filho. O narrador ou o próprio João tem posto em sua fala um misto de raiva, desprezo e alívio. A personalidade que se molda, ao longo dos anos, com a junção dos fatos, muitos dos quais o medo e a raiva, misturados com o sentimento de aprisionamento, o fazem perceber que o medo é o principal fio condutor da mudança e, como sujeito, aos poucos, vai se constituindo numa eterna relação de autoconhecimento e evolução, em que o perdão é a base de todo recomeço.

O fato do livro *Pai, pai* ser uma autoficção possibilita a João Silvério Trevisan a liberdade de uma escrita despudorada em relação aos fatos, justificados por detrás de uma narrativa que mescla realidade e ficção.

Referências

BERND, Zilá. *A persistência da memória: romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional*. Porto Alegre: BesouroBox, 2018.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “A autoficção e os limites do eu”. In: *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

TREVISAN, João Silvério. *Pai, pai*. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2017.